

A FORMA DE AVALIAR E A PROMOÇÃO DO SUCESSO ESCOLAR

HOW TO ASSESS AND PROMOTE SCHOOL SUCCESS

Neila Barbosa Osório 1

Quenidi Tadeu Bonatti 2

Sônia Terezinha Baccin Bonatti 3

Vânia Maria de Araújo Passos 4

Resumo: Este artigo apresenta o tema Avaliação Educacional, seus problemas e possíveis apontamentos de solução, de forma que favoreça ao aluno o seu crescimento e progressão e conseqüentemente a promoção do sucesso escolar, a partir de leituras e considerações acerca de algumas obras sobre Avaliação. Abordará a importância da avaliação, a responsabilidade do professor diante dela. Busca incitar a reflexão sobre a prática da avaliação em sala de aula, onde se espera buscar uma forma de avaliação criteriosa, fazendo professor repensar sua prática. O professor revisa sua prática e assim reconstrói o seu fazer pedagógico, propiciando ao aluno na busca de uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Avaliação. Professor. Aluno. Aprendizagem. Processo.

Abstract: This article presents the Educational Assessment theme, its problems and possible solution points, in a way that favors the student's growth and progression and, consequently, the promotion of school success, based on readings and considerations about some works on Assessment. It will address the importance of evaluation, the responsibility of the teacher before it. It seeks to encourage reflection on the practice of assessment in the classroom, where it is expected to seek a form of insightful assessment, making the teacher rethink his practice. The teacher reviews his practice and thus reconstructs his pedagogical practice, enabling the student to seek a quality education.

Keywords: Evaluation. Teacher. Student. Learning. Process.

Professora orientadora. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8325746711520223>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6346-0288>. E-mail: neilaosorio@uft.edu.br | 1

Mestrando em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0893059493004851>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6295-7498>. E-mail: qbonatti@hotmail.com | 2

Mestranda em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1531444807308921>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6295-7498>. E-mail: soniatbbonatti@gmail.com | 3

Professora da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0394194833990358>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6086-1705>. E-mail: vaniapassos@uft.edu.br | 4

Introdução

A escola no Brasil, nessas décadas do século XXI, tem atravessado muitas mudanças, principalmente quando falamos em discentes. A “Educação para todos” tem sido pouco a pouco realizada e deve ser contínua em busca de resultados satisfatórios. É primordial hoje que a escola atenda as necessidades atuais. É atribuição das políticas públicas, onde o maior objetivo é a união de forças, promover condições para que todos tenham o direito à educação. Partindo de reflexões como esta:

[...] Relembrando que a educação é um direito fundamental de todos, mulheres e homens, de todas as idades, no mundo inteiro; Entendendo que a educação pode contribuir para conquistar um mundo mais seguro, mais sadio, mais próspero e ambientalmente mais puro, que, ao mesmo tempo, favoreça o progresso social, econômico e cultural, a tolerância e a cooperação internacional [...] Sabendo que a educação, embora não seja condição suficiente, é de importância fundamental para o progresso pessoal e social [...] proclamamos a seguinte Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem (UNESCO, 1998, p. 2 e 3).

O momento de avaliar está presente em todo o sistema de educação formal, então surgem questionamentos: De que forma avaliar para que seja justa e humana e se atinja o sucesso escolar? Com base nessa questão iniciou-se esta proposta de trabalho.

Abordaremos neste artigo o tema Avaliação, formas de avaliar e a promoção do sucesso escolar. Buscamos apontar caminhos que o professor deverá seguir no decorrer do desenvolvimento de suas atividades com o objetivo de atingir o crescimento educacional dos alunos.

A forma de avaliação empregada pelo professor vem sendo alvo de muitos debates e estudos, porém não percebemos muita atenção a respeito em cursos de formação e mesmo no dia a dia escolar. Avaliar um aluno tem por objetivo maior conduzir o processo de ensino-aprendizagem, perceber como ele está se desenvolvendo em sala de aula e assim o professor planejar as atividades para poder mensurar o aprendizado.

Sabemos que uma particularidade muito importante na avaliação é que o professor seja responsável no processo avaliativo, por isso a avaliação deve ser contínua, atribuindo aos alunos atividades diversificadas e então ser mais justos no momento da apreciação da aprendizagem do aluno. Ao avaliar o aluno, observando suas ações e exemplo de vida, o professor contribui para a promoção e desenvolvimento intelectual. No sistema educacional, principalmente no setor público, as práticas muitas vezes, não têm sido eficazes.

Quando observamos o processo educacional percebemos uma evolução lenta e até mesmo estagnada, sendo muitas situações consideradas arcaicas. A prática avaliativa como critério classificatório em muitos casos é vista como punitiva. Na medida em que o método avaliativo for diversificado facilitará para o educando atingir um aprendizado em maior grau e qualidade.

As dificuldades são muitas, porém as responsabilidades do avaliador diminuem quando este por sua vez utiliza todo o aparato teórico e pedagógico, dinamizando e distribuindo funções entre os alunos. A contribuição discente é tão importante sendo o trabalho coletivo uma regulação necessária para o avanço do saber. Ao atribuir afazeres para os alunos, o professor percebe as diferenças e vai adaptando o ensinamento às necessidades individuais.

Com as diferentes metodologias redistribui as responsabilidades, integrando escola e comunidade. Permite ao professor replanejar seu trabalho, evitando um menor insucesso escolar, pois há uma grande diferença entre avaliar e medir. O sucesso depende exclusivamente das técnicas aplicadas e a seriedade de ambos os envolvidos.

Metodologia

Tipo de pesquisa

O presente artigo objetiva apresentar um estudo de cunho bibliográfico sobre “As formas de avaliar e a promoção do sucesso escolar”, buscando novas concepções sobre o tema. O método de elaboração se deu por meio da revisão narrativa, onde as buscas e análises da literatura não se esgotam sobre o assunto.

Utilizaram-se livros e materiais como base teórica para responder tais investigações. Foi desenvolvido no curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Tocantins – UFT, na Disciplina de Técnicas e Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem após várias discussões sobre práticas avaliativas, bem como produções escritas. Teve uma abordagem exploratória, considerando que é necessário um aprofundamento sobre o assunto e assim desenvolver maior familiaridade com o tema da pesquisa e entender com mais êxito o funcionamento do processo “Avaliação”.

Fundamentação teórica

O papel da educação na sociedade atual é um tema que nos emerge a falar do conjunto de diretivas que o mesmo deve aplicar em suas ações junto a exemplos de vida, experiências e vivências cotidianas. Educação é a promoção do desenvolvimento da capacidade intelectual e moral de uma pessoa e por isso educador também deve educar pelo exemplo.

É preciso que na prática educativa reine as regras e que os limites sejam adaptados a cada circunstância vivida. Mas para que todas as razões acima, como respeito mútuo, justiça, solidariedade, igualdade sejam obedecidos, é preciso, sem dúvida de um sistema educacional eficaz.

A educação está ligada com conhecimentos. O conhecimento não tem barreiras, é a vontade própria que está movendo as pessoas cada vez mais próximas da educação, muito embora, ela não tenha evoluído e acompanhado as mudanças ocorridas na sociedade. A função da escola é ensinar, porém nem sempre os alunos estão dispostos a aprender, percebemos isso também na avaliação da aprendizagem escolar que é uma necessidade, para alguns uma punição. Partindo do princípio que a avaliação faz-se necessária para o processo do ensino – aprendizagem, busquemos alternativas para que essa avaliação alcance seu verdadeiro propósito.

Segundo Luckesi, (1995, p. 2), o objetivo principal de uma análise centrada na avaliação é “desvendar a teia de fatos e aspectos patentes e latentes que delimitam o fenômeno que analisamos, e em seguida, tentar mostrar um encaminhamento que possibilite uma transformação de tal situação”.

Nas diferentes situações, há vários caminhos a serem percorridos pelo avaliador. O fenômeno apresenta-se bastante desafiador. Inicialmente qual caminho ou qual o método mais eficaz poderá mostrar a realidade? As diferentes técnicas experimentadas pelo avaliador vão gradativamente tomando forma, porém com muito cuidado nos resultados, pois serão eles o produto de todos os componentes no processo. Sempre atentos que avaliar é um caminho a seguir e não o ponto final, certo e acabado. Desta forma percebe-se que a avaliação não será apenas um vazio conceitual, mas sim, um dimensionamento teórico e pedagógico.

Na perspectiva deste entendimento, o modelo avaliativo a ser seguido é aquele que traz significativos resultados aos estudantes e à sociedade. Sendo então parte integrante deste sistema, onde a participação converge para os resultados positivos.

Isso só é possível quando professores aprendem avaliar durante sua formação acadêmica e sua formação continuada, hoje tão omissa por parte da gestão pública, e os discentes vivenciem o processo que contribui para seu aprimoramento intelectual.

Muitas são as dificuldades para se atingir a motivação dos alunos, seja em função da ideia equivocada que tem da escola, considerando o modelo adotado na escolarização básica, a pura reprodução das fontes. Entretanto, uma contribuição avaliada como fundamental nesta questão é o trabalho coletivo entre os docentes e discentes no sentido de fazer as regulações necessárias, contribuindo para o avanço do saber em estudo.

A avaliação enquanto parte desse processo dinamiza e regula essas aprendizagens. A or-

ganização curricular de uma escola deve se organizar de maneira flexível na forma a diversificar o atendimento, conforme as necessidades de seus alunos e assim construir uma nova prática pedagógica, rompendo com o caráter tradicional e alinhando-se às novas demandas sociais.

Nesse contexto a avaliação, deve ser coerente, e tem como função básica acompanhar o desenvolvimento do aluno, fornecendo informações fundamentais para que o professor interprete o estágio de desenvolvimento e possa direcionar a partir daí a sua intervenção.

Em um de seus trabalhos publicados sobre avaliação da aprendizagem, Lea Depresbiteris, (1981, p. 163) cita a relação curricular, onde adota o método Mcneil “classificando assim o currículo: acadêmico, tecnológico, humanista e de reconstrução social”. O currículo acadêmico, tipo de processo avaliativo que apresenta uma forma de interdisciplinaridade dos assuntos trabalhados. O foco nos objetivos das diferentes disciplinas é o ponto principal abordado.

O currículo tecnológico está totalmente voltado para os aspectos tecnicistas como a somatória quantificada de acertos, gráficos, entre outros. No currículo humanista a avaliação prioriza a construção do conhecimento que o educando vai adquirindo de forma subjetiva. Valoriza a expressão corporal, oratória e finalmente o jeito de ser do indivíduo. O currículo de reconstrução social, procura abordar a historicidade escolar do educando, envolvendo inclusive sua atuação na comunidade escolar.

Todos esses caminhos são indicativos a seguir, formando um leque de atividades para melhorar a aprendizagem. Abordar uma única forma de modelo curricular estaria engessando a avaliação e totalmente fora da proposta de melhoramento do ensino- aprendizagem. Outra forma de avaliação muito produtiva seria a autoavaliação, onde não somente o aluno se autoavalia como também o professor.

Segundo Hoffmann, (2005 p.83):O aluno realiza um olhar sobre si mesmo. Dar oportunidade para esse pronunciar seus sentimentos e dificuldades na escola, seria um meio de superar o anonimato dos alunos. Assim não seria somente o professor que faria a reflexão de suas ações em sala de aula, mas também os alunos.

O professor deverá diversificar sua maneira de avaliar o aluno, para que no decorrer de cada bimestre ele tenha sido avaliado de várias formas. Caso avalie seu aluno de forma repetitiva ou de forma exclusiva ele não perceberá em todos os seus ângulos, isso poderá gerar muitos erros, até irreparáveis.

Percebendo que há alunos que demonstram bem suas competências com certos tipos de avaliação, o professor deve estar pronto para atender de forma mais adequada possível através do instrumento utilizado. Deve saber como proceder a essas técnicas para assim fortalecer seus valores.

Quando trabalhamos as metodologias para melhor mensurar as habilidades do aluno podemos perceber se atingiram o esperado no processo de desenvolvimento, obtendo informações sobre os conhecimentos e competência dos mesmos. Assim será possível perceber as mediações e conseqüentemente melhorar o aprendizado e levará o professor repensar seu planejamento, se necessário replanejando-o e assim melhorar seus avanços.

Algumas escolas utilizam práticas de recompensa aos melhores alunos, esse tipo de prática vem enaltecer os melhores e desmerecer o esforço dos alunos com maior dificuldade, que são a grande maioria, gerando o desinteresse, o fracasso escolar.

Outra forma de avaliação é a avaliação formativa, a qual permite que o professor perceba as deficiências e procure reformular sua prática pedagógica e haja mudança na conjuntura educacional. Para Bloom, Hastings e Madaus (1975, p. 67):

“a avaliação formativa visa informar o professor e o aluno sobre o rendimento da aprendizagem no decorrer das atividades escolares e a localização das deficiências na organização do ensino para possibilitar correção e recuperação”.

Enquanto o professor está em formação, já aprende essa prática de avaliação formativa que se estende às horizontalidades escolares. Este tipo de avaliação permitirá tanto ao professor quanto ao aluno realizar a construção de um Feedback que poderá monitorar ou auto-monitorar contribuindo assim para o desenvolvimento da autonomia intelectual de professores e alunos. Neste tipo de avaliação são estabelecidas regras pela qual os professores analisam frequentemente a interatividade dos alunos percebendo as diferenças e adaptando as necessidades de cada um deles, não é apenas uma avaliação, mas sim, tornar o aluno referência em todo o processo avaliativo. Para a identificação dos problemas dos alunos nessa forma de avaliação são feitas combinações de informações.

No Brasil, tem-se apresentado políticas públicas para se refletir sobre a melhor e mais correta forma de avaliação, porém o que vemos nas escolas é certa resistência ou falta de compromisso em mudar essa realidade, ou até mesmo a precariedade nos investimentos nas escolas públicas em todos os níveis. Há um número baixo de escolas públicas que possuem infraestrutura prevista em lei, diferentemente de outros países mais desenvolvidos. Vemos salas superlotadas, professores despreparados por falta de formação continuada e baixos salários, material didático-pedagógico insuficiente, entre outros.

Diante dessas dificuldades, a escola tem se apegado às metodologias de avaliação consideradas hoje como arcaicas e que classificam os alunos, ou seja, avaliam os alunos de forma a valorizar somente a nota, predominando o aspecto quantitativo e não qualitativo, sendo que o previsto na LDB é a prevalência dos aspectos qualitativos. Isso é feito, pois a escola está fadada a apresentar índices elevados de aprovação para atingir metas apresentadas nos programas de governo. Mesmo que os professores queiram aplicar diferentes formas de avaliação acabam sendo forçados a cumprir as regras de avaliação classificatória.

A escola brasileira tem uma cultura arraigada, na qual se acredita que o desempenho estudantil é apenas responsabilidade da escola, sendo que as políticas educacionais determinam que seja uma conjuntura: família, escola e sociedade, cada um fazendo sua parte para que se atinjam os objetivos. O método adotado pela escola de classificar o aluno foi a alternativa encontrada para apresentar os resultados exigidos. O aluno é avaliado dessa forma e acaba sendo promovido por uma mera formalidade.

Uma vez que os resultados da avaliação não sejam satisfatórios, questiona-se a forma de avaliação e acaba por atribuir responsabilidade ao professor, família e até os próprios alunos, afirmando que são relapsos, desinteressados, não querem estudar, falta motivação. Porém, a avaliação classificatória pode ter contribuído para o fracasso do aluno e do professor, por isso há que se voltar para a realidade de que a avaliação deve valorizar o aluno, sua aprendizagem, esse é o verdadeiro papel da avaliação formativa.

O problema da motivação nos alunos

Esse problema tem sido abordado como centro de discussão, levando a questionar o que anda mal em nossas escolas. Sempre foi um problema na educação, considerando o fato de representar uma queda de investimento pessoal no processo ensino-aprendizagem.

Quando o aluno está desmotivado, estuda pouco ou quase nada e não aprende como deveria, impedindo assim de formar um cidadão mais competente para o exercício da cidadania e realização pessoal. Se não houver aprendizagem na escola, que está ligada à motivação, certamente não haverá perspectivas de futuro.

Muitas são as reclamações dos professores, em todos os níveis escolares. Observam que os alunos deixam de produzir, de crescer pela falta de estímulo, de motivação, que não se dedicam satisfatoriamente aos estudos. Isso deve ser estudado e deve-se buscar identificar em situações concretas, quais são os alunos e por que tem esse tipo de problema. Muitas vezes, o aluno demonstra certo interesse, porém outros assuntos não pertinentes à aula lhe desviam a atenção.

Para Bzuneck,(2001, p. 14) “certos comportamentos desejáveis na sala de aula e até um desempenho escolar satisfatório podem mascarar sérios problemas motivacionais”. O aluno apresentando um mau rendimento em sala, pode não caracterizar apenas falta de esforço e sim desmotivação. É necessário avaliar o seu desempenho, seu comportamento para então

identificar o problema da falta de motivação. O que ocorre, é que muitas vezes, não há interação durante a aula e impede que isso aconteça. A desmotivação não deve ser generalizada, em muitos casos ela pode ser mais restrita e muitas vezes inexistir.

Muitas queixas existem, principalmente nas séries mais avançadas, diferente das séries iniciais, pois à medida que crescem, o interesse diminui e a dúvida quanto à capacidade para entender certas disciplinas aumenta. Para ser possível identificar os reais problemas, devido à sua grande variedade, vale considerar a motivação do aluno sob dois aspectos básicos – o quantitativo e o qualitativo. Os problemas de motivação escolar podem estar ligados a um destes dois aspectos.

Há uma necessidade educacional de remediar os problemas da motivação que são percebidos nos alunos e deve-se buscar uma motivação, sendo papel de cada professor e até mesmo da escola. Diante disso, torna-se necessário que se busque estudar, analisar e orientar a prática de sala de aula.

Educação de qualidade é possível?

O papel da educação na sociedade atual é um tema que nos emerge a falar do conjunto de diretivas que o mesmo deve aplicar em suas ações junto a exemplos de vida, experiências e vivências cotidianas. Educação é a promoção do desenvolvimento da capacidade intelectual e moral de uma pessoa e por isso educador deve educar pelo exemplo. É preciso que na prática educativa reine as regras e que os limites sejam adaptados a cada circunstância vivida. Mas para que todas as razões acima, como respeito mútuo, justiça, solidariedade, igualdade sejam obedecidos, é preciso, sem dúvida de um sistema educacional eficaz.

A educação está ligada com conhecimentos. O conhecimento não tem barreiras, é a vontade própria que está movendo as pessoas cada vez mais próximas da educação, muito embora, ela não tenha evoluído e acompanhado as mudanças ocorridas na sociedade. A função da escola é ensinar, porém nem sempre os alunos estão dispostos a aprender. Os alunos de hoje não estão motivados a aprender.

A realidade da educação brasileira, sobretudo nos últimos anos, é de que se vive uma crise profunda, onde a falta de excelência na qualidade, o desestímulo e mesmo o abandono, permeiam nossas instituições de ensino. Em meio a esse quadro desolador há muitos profissionais de educação empenhados em buscar métodos que possam despertar no educando, a motivação e o interesse pelo conhecimento. A motivação impulsiona o bom desempenho da construção do conhecimento. Motivar é um impulso que estimula o indivíduo a uma atividade que vai além da satisfação imediata, ela age como uma força que afeta pensamentos, emoções e comportamento, porém quando não há essa interação, torna-se difícil despertar no indivíduo, sua essência. Para se alcançar a almejada qualidade é preciso contar com o envolvimento da família e melhoria nas condições de trabalho.

Como em todos os outros setores, na educação há fases a serem superadas: falta de escolas, equipamentos, professores e suprir essas lacunas são um grande desafio. Nos últimos tempos, tem-se falado muito em qualidade na educação, mas essa qualidade difere de acordo com o mundo e a sociedade que a analisa.

A qualidade na educação hoje deve ser buscada como algo ininterrupto, embora muitas vezes tivesse se tornado algo complexo. O que se busca são resultados mais animadores quanto à questão da aprendizagem e à qualidade na educação, pois se percebe em sala de aula, que a aprendizagem do aluno está bastante afetada, ele não se sente estimulado a nada. Ensinar de modo significativo tem sido uma das maiores preocupações bem como inquietações dos educadores, buscando a melhora na qualidade do ensino. Colocar em prática novas teorias, novos métodos, tornou-se difícil. Talvez seja necessário um cuidado maior quando nos propomos a isso.

Torna-se necessário estabelecer um diálogo que possa levar o educando a um estado de convencimento e assim possibilite a comunicação e a obtenção de resultados. A partir do momento em que se vive em uma sociedade, somos um modelo para os outros elementos, uma referência para as pessoas com que nos relacionamos e concomitantemente, essas pes-

soas também servem de modelos.

Quando se fala em qualidade educativa não se pode esquecer de alguns aspectos como o acesso, o tratamento e os resultados da educação, pois sem o acesso a oferta e ao ensino, sem um tratamento digno e desprovido de discriminações, sem ter como produto final uma educação que dê suporte para toda a vida não se pode falar em educação para todos. No tocante a equidade, além do acesso e dos resultados, também se faz necessário a igualdade de oportunidades dos benefícios e recursos pedagógicos para todos.

Um dos indicadores dessa falta de qualidade são os resultados dos testes de desempenho padronizados em que nossos estudantes obtêm resultados baixos, principalmente se comparados a outros países.

Diante disso, algumas medidas poderiam ser tomadas dentre elas a capacitação dos docentes, assim o professor estaria estimulando seu desempenho e ajudaria a desenvolver as capacidades cognitivas, afetivas e morais de cada aluno.

No papel do educador é fundamental que ao se tratar da formação da cidadania do indivíduo, em especial do discente, considerar como requisito principal a participação efetiva na construção do projeto pedagógico da escola.

Partindo desse princípio, o educador na responsabilidade de formação moral, de valores do discente, deve estar empenhado em apresentar um conhecimento crítico do que está sendo desenvolvido no trabalho em grupo, de forma que venha somar na prática pedagógica. Ao se refletir à educação moral, o ideal é que ocorra uma reflexão por parte de todos, visto que não há como ter educação sem reflexão.

Convém ressaltar a importância do educador em compreender a natureza humana e o que dá a densidade do educando como ser humano. Logo, o papel central de um educador é desenvolver habilidade para tomar decisões morais e agir de acordo com elas. Assim sendo um requisito básico para o agir moral é a autonomia. Contudo, o educador deve partir do princípio que “os seres humanos são diversificados, cada um de nós é o único de várias formas”. Portanto, o agir moral do educador perpassa pela ética e cultura planetárias, que pedem a mundialização da compreensão, da solidariedade, da intelectualidade e da moral da humanidade.

A partir do momento em que se vive em uma sociedade, somos um modelo para os outros elementos, uma referência para as pessoas com que nos relacionamos e concomitantemente, essas pessoas também servem de modelos. Isto ainda se aplica muito mais ao papel do docente, porque ele é aceito pelos outros como alguém que vai ensinar e ser ouvido pelos outros de uma forma específica.

É uma função do educador, ou seja, compete a este facultar o que deve ser aprendido pelos seus discentes. Porém, a mudança não cabe somente ao professor. A sociedade está em constante mudança. O que é preciso hoje é mudar radicalmente, contando com a participação efetiva de docentes e discentes e, com a participação de toda a sociedade.

Uma educação de qualidade depende sim da qualidade dos professores, mas também de quanto o país investe em educação, se ela é de fato importante e não um mero discurso.

Temos percebido que um dos reflexos do baixo investimento em educação, são as posições ocupadas pelo Brasil nas avaliações. Investe-se pouco e esse pouco, às vezes, é mal administrado. Alcançar a qualidade não é uma tarefa fácil. Requer tempo e ações integradas, da formação de professores à infraestrutura, da questão salarial à gestão escolar. A educação ultrapassa o ambiente escolar e todos nos envolvemos com ela. Em todas as dimensões da nossa vida existem processos educacionais.

O professor, o aluno e a avaliação

É preciso refletir sobre a importância da avaliação e como conduzir de maneira mais condizente o processo avaliativo em sala de aula. Pesquisas recentes mostram depoimentos de alunos que questionam a forma de avaliação do professor e entendem como o de apenas atribuir uma nota e nem ao menos conseguem explicitar os critérios de como foram avaliados.

Muitos professores afirmam que não há uma única forma de avaliar os alunos, mas que as provas ainda hoje são vistas como melhor instrumento para medir a aprendizagem, que

somente através delas será possível mensurar o conhecimento, ficando então limitada a apenas um processo de verificação. Há diversas opiniões sobre como avaliar de forma correta e é comum a todos o pensamento de que a avaliação é a parte essencial do processo educacional, isso pode ser alvo de análise para debate, que poderá ser realizado entre professores e alunos e assim melhorar o processo ensino-aprendizagem.

É importante também que o professor considere suas concepções sobre o dever da avaliação no seu trabalho com os alunos e assim busque melhorar seus métodos, de modo mais construtivo possível favorecendo assim ao aluno mostrar o que ele sabe realmente.

Vemos que professores procuram elaborar provas com certo nível de dificuldade e se vangloriam, por outro lado professores que elaboram provas brandas e que não exige do aluno o mínimo esforço em resolvê-las, temos então no primeiro momento, o insucesso do aluno, sentimento de impotência enquanto que no segundo momento, o aluno indiferente, distanciado, desenvolvendo nos dois casos uma sensação negativa em relação às provas.

Contudo, existem ações que poderão ser aperfeiçoadas e venham contribuir para que as provas sejam vistas como positivas, dentre elas o bom preparo para que seja eficaz na verificação da aprendizagem, a discussão sobre o assunto a ser avaliado através de revisão, assim os alunos terão um posicionamento sobre os estudos e também trabalhar as questões, seus enunciados para que compreendam e saibam lidar com a situação apresentada.

Realizar um maior número de avaliações fará com que os alunos familiarizem-se e diminuindo assim a pressão relacionada à sua atuação. Com a diminuição da pressão se sentirão mais motivados a apresentarem melhores resultados, do contrário o professor correrá risco de educar no escuro. O professor deverá buscar meios para expor que é necessário o envolvimento de ambos, professor e aluno juntos nesse processo. Um bom ensino só acontece em uma atmosfera onde há envolvimento coletivo. A avaliação é faz parte do processo, onde avaliar terá um significado específico, porém há de se saber a diferença entre avaliar e medir.

De acordo com Amorim e Souza (1994):

“a avaliação não é algo que se dê de modo dissociado do objeto ao qual se dirige e não se concretiza independentemente dos valores dos sujeitos em interação. Assim, os princípios norteadores de uma proposta avaliativa e de seu próprio processo de construção representam uma explicitação do posicionamento de sujeitos frente a um determinado segmento da realidade, Estudos em Avaliação Educacional, n. 27, jan-jun/2003 111 sujeitos esses que ocupam diferentes lugares sociais, o que leva ao afloramento de divergentes e conflitantes ênfases na avaliação” (p.125).

É necessário perceber, analisar e fundamentar os trabalhos antes, durante e após o processo de avaliação. O trabalho do professor deverá ter objetivos claros, buscando uma formação que se volte para o desenvolvimento e não apenas para ser uma obrigação burocrática. Por esse ponto de vista, a avaliação será contínua e cumulativa, diversificada através de vários instrumentos. Do contrário o fracasso escolar ocorrerá e resultará em uma escola excludente, onde estaremos contribuindo para a sustentação de uma sociedade hierarquizada e elitista.

Considerações Finais

A partir do momento em que considerarmos que nosso aluno possui uma história e vida, própria dele é possível entender que ele é ímpar. Hoffmann (2005, p. 40) avança que “o professor precisa fazer o exercício de aprender a olhar aluno por aluno, conhecendo seu espaço de vida, seus afetos e desafetos, dissonâncias, suas iniciativas, seu fazer de novo, o inusitado”. Propõe que uma das melhores formas seria a autoavaliação, o aluno lançaria um olhar sobre si próprio. Seria oportunar que expressasse suas dificuldades e sentimentos, um meio de se autossuperar.

Dessa forma, não apenas o professor refletiria sobre suas práticas pedagógicas, mas o aluno também. Para Hoffmann (2009, p.76) “o sentido origina do termo mediação é intervenção, intercessão, intermediação”.

Não podemos considerar a avaliação como simplesmente uma verificação de respostas e sim deve ocorrer de forma investigativa e reflexiva do professor sobre os desejos do aluno, verificando se houve aprendizagem. Não pode ser encarada como recompensa ou castigo. Se pensarmos em uma avaliação mediadora estaremos a agir de forma diferente, indo muito além, pois se reorganiza as práticas avaliativas por intermédio de ações reflexivas. É preciso que o professor repense sua prática frequentemente e reconstrua o seu fazer pedagógico.

Teremos uma avaliação justa quando houver reconhecimento das dificuldades do aluno para poder auxiliá-lo e assim alcançar a aprendizagem. Deve-se buscar um novo sentido para o ato de avaliar na busca de uma educação de qualidade.

Referências

AMORIM, A.; SOUZA, S. M. Z. L. **Avaliação institucional da universidade brasileira, Estudos em Avaliação Educacional**. FCC, São Paulo, n.10, 1994.

ANGELO, T. A.; CROSS, K. P. **Classroom assessment techniques: a handbook for college teachers**. (2nd. ed.). San Francisco, Jossey Bass, 1993.

BLOOM, B.; HASTINGS, J. T.; MADAUS, G. F. (1975). **Manual de Avaliação Formativa e Somativa do Aprendizado Escolar**. Trad. Lílian Rochlitz Quintão. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

Bzuneck, J.A. **A motivação do aluno: Aspectos introdutórios**. In: E. Boruchovitch; J.A. Bzuneck. (Orgs.). *A Motivação do Aluno. Contribuições da Psicologia Contemporânea*. (p.9-36). Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 4ª edição, 2009.

BZUNECK, J. A. **As crenças de autoeficácia dos professores**. In: F.F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). *Leituras de psicologia para formação de professores*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

DALBEN, A. I. L. F. **Avaliação escolar: um processo de reflexão da prática docente e da formação do professor no trabalho**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

DEPRESBITERIS, Lea, TAVARES, Marialva Rossi. **Diversificar é preciso... Instrumentos e Técnicas de avaliação da Aprendizagem**. São Paulo: SENAC, 1981.

FREITAS, L. C. de. et al. **Avaliação Educacional: caminhando pela contramão**. Rio de Janeiro, Vozes, 2009.

HOFFMAN, Jussara **Avaliação Mediadora. Uma prática da pré-escola à universidade. Porto Alegre**. Mediação. 2005

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo, Cortez, 2000.

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem Jomtien, 1990. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf> Acesso em 14dez.2015

_____. **Verificação ou Avaliação: O que pratica a escola? Ideias**. N8, São Paulo, FDE, 1998. p.133 -140.

VILLAS BOAS, B.M. DE F. **Compreendendo a avaliação formativa**. In. VILLAS BOAS, B.M. de F.

(Org.) **Avaliação formativa: práticas inovadoras.** Campinas, SP, Papyrus, 2011.

Recebido em 11 de junho de 2021.

Aceito em: 27 de outubro de 2021.